

# Os bons rebeldes

Existe uma aldeia perdida no interior de Portugal, junto à serra do Gerês, com nome de tumulto. Fomos ver se há revolta em Revolta. TEXTO DE KATYA DELIMBEUF

FOTOGRAFIAS DE RUI DUARTE SILVA

A ssim, à vista desarmada, abrigada num vale cercado de montanhas, com as águas calmas do rio Cávado e a barragem da Caniçada em fundo, a aldeia de Revolta nada tem de revoltoso. Nem inclinações abruptas, nem abismos súbitos. Só talvez as brumas que teimam em turvar a bonita vista dêem um pálido indício da revolta muda que vai nesta aldeia isolada do interior do país. Aqui, onde só resistem os rijos, a gente não está habituada a queixar-se — quanto mais a revoltar-se. Toda a vida trabalharam no campo ou enganaram a fome com laranjas. Mas será que, por baixo da resignação, lateja alguma revolta?

Hoje, o lugar de Revolta, a 6 quilómetros de Vieira do Minho, pouco mais tem do que cinco casas e dez habitantes, numa extensão de cerca de 1000 metros — longe dos tempos em que ali viviam mais de 30 pessoas, que davam para encher uma escola primária. Nos dias que correm, a escola está fechada e além de um turismo rural — a Quinta da Veiga e Malhadoira — nada mais há a não ser casas de pedra, enormes penedos, espigueiros onde secavam os cereais e caminhos calcetados onde dantes havia lama e terra. A população está envelhecida, à excepção de um habitante mais novo — nos quarentas. Ninguém sabe ao certo a origem do nome “Revolta”. António Pereira acredita que se deve a umas inclinações do terreno e não a qualquer motim que a aldeia tenha protagonizado em tempos idos. Certezas só quanto à antiguidade do nome, que numa “investigação” sua remonta pelo menos a 1712, a uma

certidão de óbito. “Revolta nos mais velhos vai ser difícil de encontrar”, afiançou desde logo António Pereira, proprietário do turismo desde 2005 e nosso anfitrião por vontade própria. “Antigamente, as pessoas não se revoltavam. Este era o seu mundo. Não conheciam mais nada.” E aponta as montanhas em redor e o horizonte, abruptamente interrompido por elas.

O ritmo dos dias seguia à semelhança de hoje — em torno do sol, do campo, do “fazer o comer”, das tarefas domésticas, do estar “diante do lume à noite, a ver um bocadinho de televisão”, e do deitar cedo para levantar cedo e recomeçar a jorna. O próprio António saiu pela primeira vez da aldeia aos 12, 13 anos, “numa excursão a Fátima oferecida por um senhor que ganhou a lotaria”, recorda. “O autocarro ia cheio — para cima de 50 pessoas. Foi a primeira vez que vi um cemitério rico, com jazigos. Ali, os mortos eram diferentes.” A tropa na Academia Militar e uma carreira na Administração Pública, no Porto, deram-lhe o bilhete de saída de Revolta e uma certa ascensão social que lhe granjeou outro “estatuto” na aldeia, para onde regressou décadas mais tarde. Hoje, aos 61, fala com orgulho do lugar onde ainda mora a mãe e para onde vieram a irmã e o cunhado. Se vai dizendo que há pouca revolta por estas bandas, recorda bem a dureza de crescer ali. “Trabalhei muito. Brinquei muito. ‘Pintei demónio.’ Fiz os meus próprios brinquedos — fiskas, motas de madeira, rodas de aço... A partir dos 6, 7 anos, já trabalhávamos a seixar milho, a guardar gado, a apanhar azeitona. Era um trabalho pesado, por caminhos íngremes, com muita pedra. Tínhamos um carro de bois. Andávamos quilómetros a pé.” De vez em quando,

“QUE REMÉDIO...”  
É EXPRESSÃO COMUM  
A ANAIR DA CONCEIÇÃO  
LEMONS, 86 ANOS, HABITANTE DE REVOLTA. ALI  
FALTA “TUDO”, DIZ.  
IRACEMA SOARES (EM  
BAIXO), NÃO SE QUEIXA







**CICERONE** ANTÓNIO PEREIRA, PROPRIETÁRIO DO ÚNICO TURISMO RURAL DE REVOLTA, ENCONTROU UM DOCUMENTO COM O NOME "REVOLTA" DATADO DE 1712

solta alguma revolta... “A escola onde andei até à 4ª classe não tinha condições nenhuma: era um antigo palheiro, onde fazia frio, havia buracos, pulgas... Não havia nenhuma escola oficial a não ser em Braga, a 30 quilómetros. E era preciso ter meios... Era uma violência os miúdos saírem da aldeia com 10 anos... Na verdade, nós fomos completamente esquecidos — como todos os que vivem no interior.”

Ainda hoje não existe saneamento básico em Revolta, mas isso não incomoda quem lá vive, garante António, que gosta de responder por todos. Não incomoda pelo menos D. Iracema Soares, mãe de António, que mora uns metros abaixo, na ladeira, numa pequena casa dominada pelo fogão a lenha e a lareira, em torno da qual aquece os dias. A ela, que ali vive desde os 2 — e já conta 86 —, nada revolta. Nem os tempos em que não havia luz eléctrica, até 1972, nem o cântaro de 12 litros de água que ia buscar todos os dias à fonte, “às vezes por duas e três vezes”. Revolta-se, sim, com “as pessoas que se matam na televisão”. “Sempre fui de botar sentido às coisas”, explica. Por isso, às vezes nem liga o aparelho.

Um pouco acima, mora um pouco mais de revolta. Em duas casas de frente uma para a outra vivem Serafim Sousa, 89 anos, homem teso de ar desconfiado, e a sua filha mais velha, Maria Etelevina, de 65. Aos 2 anos e meio, uma paralisia infantil pô-la a coxear para sempre, mas nem isso impediu a mais velha de nove irmãos de ajudar a criá-los todos. “Andava com uns pauzitos”, conta, “ia à escola, ajeitava-me com a sachola, costurava... Aos 12 anos, o meu pai deu-me uma máquina de costura — ainda hoje dura. O que me revolta? Olhe, a chuva, que não me deixa andar neste pavimento”, queixa-se ela, apoiada em canadianas. “Os políticos, a falta de

vergonha com que roubam e andam de cara destapada na televisão. As promessas por cumprir. Eles nem sabem que nós existimos”, confidencia.

“Era bom que isto melhorasse”, diz. “Escusava de haver tanta emigração. Os jovens deviam ter mais apoio. Nenhum dos meus filhos queria ir para fora...” Etelevina vota sempre — o pai nem por isso. Ele que foi cozinheiro a vida toda, e a passou nos hotéis de norte a sul do país, revolta-se com outras coisas: com o facto de hoje os restaurantes servirem “comida atrasada”, coisa no seu tempo impensável. E com esta versão “da alta cozinha, tão cara... Uma rosinha num prato? Oh, pá, isso não é comida”, exclama, mãos, unhas e orelhas sujas de terra, do campo que ainda lava. Revolta-o “o caso do Hospital de Santa Maria, dos que viam mal e saíram cegos...” A mão leve da justiça. E as reformas dos administradores. A ele, que conta 70 anos de trabalho, cabem-lhe 325 euros por mês.

No extremo norte da aldeia vive o seu residente mais novo. Abílio, filho de Anair da Conceição Lemos, tem 44 anos. Foi a única descendência que ficou e não tem rapariga na aldeia para lhe servir de par. Tem a ingenuidade dos puros. “Gosto do trabalho na lavoura, de pescar... De vez em quando, vou a um lugar aqui perto jogar matraquilhos. Gosto muito de ajudar os ‘velhóticos’, em cadeira de rodas.” A vida dele é isto. E nada o revolta. A mãe, toda vestida de preto, nos seus 86 anos, é mais vivaz. Acha que falta “tudo” em Revolta: “Um centro de saúde, uma mercearia... É uma vida difícil”, desabafa. Mas a revolta é mansa, contida. Há sítios neste país onde a vida corre como correu sempre e há-de continuar a correr. No meio da calma e do verde, do cheiro a relva molhada e a lareira, o lugar de Revolta repousa pouco revoltado. ■

**RESISTENTES** SERAFIM SOUSA (PAI) E ETELEVINA (A FILHA MAIS VELHA) FICARAM EM REVOLTA. OS RESTANTES FILHOS E IRMÃOS EMIGRARAM TODOS

